2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 25. QUINTA FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

Julgamos dever prevenir os leitores da REVISTA, que o sr. Ribeiro de Sá não tomou ainda hoje a parte directa que lhe pertence na redacção deste jornal, por incommodo de saude, findando portanto neste numero os nossos trabalhos, na parte em que substituimos este nosso amigo.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ESTRUMES PELO METHODO INGLEZ.

(Continuado de pag. 279.)

Nos condados d'York, Lincoln, e Northumberland, os ossos pulverisados tem grande applicação na agricultura. Ahi (escreve o agronomo alemão, Weckherlin) colligi numerosas informações sobre este objecto, porque percorri essas provincias na estação em que se semeia o nabo turnepo, e o pó dos ossos amontoado nos campos esperava o momento de ser empregado.

Direi primeiro, que o que eu vi e me referiram me provou que não applicam este adubo em grande escala senão em a cultura daquelles nabos, para a qual o julgam mui proprio: falla-se tambem do seu bom effeito nos prados; mas não pude alcançar, neste ponto, esclarecimentos exactos, que igualmente me faltam quanto ao effeito dos ossos pulverisados nas producções que se seguem aos turnepos no mesmo terreno. E' verdade que os cultivadores pertendem que depois da introducção deste estrume, o rendimento não só dos turnepos, mas tambem da cevada, do trevo ou anafa, e das gramineas, tem sido muito mais abundante, e até os primeiros rendem tres vezes mais do que antigamente. Comtudo, admittindo que assim seja, é difficil verificar bem a verdadeira causa da maior producção das culturas immediatas aos turnepos; porquanto, estes que são logo consumidos no proprio local pelas ovelhas promovem maior copia de estrume: coincidindo, pois, esse accrescimo dos excrementos do gado miudo com o emprego dos ossos pulverisados, é impossivel distinguir os effeitos de qualquer destas duas causas. Demais disso, e é um ponto muito importante que cumpre indagar bem, os cultivadores inglezes nunca substituem o estrume pelos ossos; porém, empregam tanto um como os outros simultaneamente.

Não ha duvida que as colheitas tem ganho muito com o uso dos ossos pulverisados; as explorações agricolas se enriqueceram de um modo notavel, a ponto que nos districtos que adoptaram aquelle adubo a renda das herdades é hoje mais alta 7 a 8 schellings, por geira de terra, do que nas outras provincias; e assim tudo o mais augmentou proporcionalmente.

Os exemplos seguintes darão ideia da extensão do emprego dos ossos pulverisados nas mencionadas provincias. — Na cidade de Lincoln ha tres moinhos movidos por vapor, que moem toda a casta de ossos, os quaes são importados de todos os paizes da Europa, cuja situação permitte transporte por mar. Só um desses moinhos pulverisa annualmente quatro a cinco mil *tons* (o *ton* tem 20 quintaes de 112 libras, cada um dos quaes anda por tres e meia arrobas portuguezas). O preço da compra de um *ton* regula por cinco a seis libras esterlinas. Durante a minha estada em Lincoln, muitos navios traziam carregações de ossos provenientes da Alemanha e da Suissa, para satisfazer as numerosas encommendas dos cultivadores inglezes.

Os ossos pulverisados vendem-se de tres qualidades differentes: primeira, em pó relativamente fino, cujos pedaços maiores são do tamanho de uma ervilha pequena, entremeados com muitas particulas que parecem farinha; preço tres a tres e meio shellings o bushel (esta medida regula por dois e meio alqueires): — 2.ª qualidade, menos fina, sendo os maiores pedaços da grandeza de

uma fava, com pequeninas lascas e alguma farinha; preço dois e meio a tres shellings: — 3.ª qualidade, do mesmo tamanho da 2.ª, mas sem farinha, e a rasão de dois a dois e meio shellings. Estes preços nos indicam quanto são preferidos os ossos reduzidos a uma especie de farinha.

Para que o seu effeito seja mais rapido amontoam-se em grandes quantidades, e misturam-se com terra humida, afim de que entrem mais promptamente em decomposição, e mesmo aqueçam um tanto.

Eis a maneira de se servirem deste estrume: — Conforme o torrão é mais ou menos fecundo tomam-se, por geira, 15 a 25 bushels de ossos pulverisados: este pó é espalhado ao semeador juntamente com os turnepos, de sorte que a semente e o estrume se misturam passando pela machina e cahem no mesmo rego. — Não vi nos sobreditos condados espalhar a lanço os ossos pulverisados.

Segundo os inglezes, esta substancia obra sobretudo nos terrenos seccos, de fertilidade mediocre, quentes, bem amanhados, calcareos, ou contendo argila branda, tendo as qualidades mais convenientes para a cultura dos turnepos, da cevada, etc. E' sabido que estas plantas preferem os terrenos seccos e leves ás terras fortes e humidas. Sobre os terrenos desta ultima qualidade os ossos não produzem effeito; pouco tambem obram n'uma terra compacta, mas este inconveniente compensa-se deitando-se-lhe maior quantidade. Affirmam-me que ha algum tempo se empregavam com bom exito os ossos para estrumar as beterravas; mas não obtive informações neste particular.

Comparando a este modo judicioso de empregar o osso pulverisado os processos usados ou ensaiados entre nós (continua o agronomo alemão) descobrimos differenças que de nenhum modo são a nosso favor. Em Alemanha, nenhuma attenção se presta á natureza do terreno; applicaram-se os ossos a producções a que esta casta de estrumes convém pouco, e assentou-se que podia dispensar-se o esterco ordinario; finalmente, espalhava-se a lanço a quantidade de pó dos ossos indicada pelos inglezes, cobrindo-a com a charrua ou com a grade, ou deixando-a á superficie da terra.

Não admira, pois, que os resultados sejam tão differentes nos dois paizes, e que correspondam tão pouco á expectativa dos alemães.

A extensão que é possivel dar ao emprego dos ossos pulverisados, deve necessariamente ser limitada pela porção de ossos que se póde alcançar sem exceder um certo *maximum* de despeza. A Inglaterra pela sua navegação tem franco o mundo inteiro; um paiz central como a Alemanha tem forçosamente mais restringido o seu aprovisionamento.

(Continúa.)

REVELAÇÕES ASTRONOMICAS.

O illustre sabio, sr. Alexandre de Humboldt, fez uma revelação mui importante n'uma sessão recente da Academia das Sciencias de Berlin, ácerca dos movimentos que em resultado de uma illusão optica parecem realisados por certas estrellas fixas.

Aos 17 de janeiro do anno passado entre as sete e oito da noite observou-se em Trieste que a estrella Sirio, achando-se então pouco remota do horisonte, parecia elevar-se gradualmente, tornava a descer, dirigia-se umas vezes para a direita outras para a esquerda descrevendo a miudo uma linha curva. Os observadores eram um estudante por nome Kenne e outro individuo igualmente digno de todo o credito, cuja familia estava presente á apparição do phenomeno.

O estudante, que tendo encostada a cabeça á parede permanecia completamente immovel, julgou vêr com toda a clareza elevar-se a estrella Sirio em linha recta acima do telhado de uma casa, tornar a descer rapidamente, e occultar-se um momento á sua vista para tornar a apparecer de novo. Os sobreditos movimentos manifestavam-se percorrendo uma extensão tamanha que os espectadores a principio persuadiram-se que o ponto luminoso, que viam agitar-se era como um *farol* de um cometa: o brilho da estrella variava tanto como a sua posição, pois algumas vezes chegou a ser quasi imperceptivel, não obstante achar-se a atmosphera perfeitamente serena.

Semelhante phenomeno extraordinario não é unico em seu genero, pois já se manifestou duas vezes no mesmo ponto; uma a M. de Humboldt, e cincoenta annos depois ao principe Adalberto da Prussia.

Eis como o primeiro descreve a observação, que fez, na sua ultima obra publicada. (*Cosmos*, cap. 3.º § 65.)

«Achava-me aos 22 de junho de 1799 na vertente do Pico de Tenerife, em Malpays, poucos momentos antes de sahir o sol, e em uma altura de quasi 3:475 metros acima do nivel do mar; com a simples vista observei que as estrellas mais baixas agitavam-se apparentemente a impulsos de um movimento por extremo singular. Alguns pontos brilhantes parecia que se elevavam ás vezes nos ares, logo oscillavam, e tornavam por ultimo a occupar seu posto primitivo. O phenomeno durou sómente sete ou oito minutos, e cessou antes da apparição do sol no horisonte do mar. Com o auxilio de um pequeno oculo se percebia claramente tudo, e quanto mais observei mais me persuadi que eram as proprias estrellas que se moviam.»

Na sua Viagem ás regiões equinocciaes, tomo 1. § 125. exprime-se o mencionado sabio, ácerca do mesmo assumpto, nos seguintes termos. — «Alguem se persuadiria que eram pequenos foguetes despedidos ao ar. Certos pontos luminosos elevados á altura de uns 7 a 8 graus parecia que se agitavam primeiramente n'uma direcção vertical e depois oscillavam em direcção completamente horisontal. Estes pontos luminosos eram as imagens de varias estrellas que tinham augmentado de grandeza, apparentemente, pela interposição dos vapores da atmosphera.»

Acaso deverão attribuir-se semelhantes refracções á refracção lateral, que tem dado margem a discussões acaloradas? Existirá alguma analogia entre as variações ondulatorias, que a parte vertical do sol apresenta no seu aspecto varias vezes, ao verificar-se o despontar deste astro, e as oscillações polares, que Carlini observou em repetidas occasiões?

Seja como fôr não é estranho que os movimentos observados pareçam maiores quanto mais proximo o observador estiver do horisonte em que se notam, em consequencia do phenomeno frequente da illusão optica. — Portanto, será para desejar que os viajantes que visitarem o Pico de Tenerife, ou alturas eguaes, vão munidos de instrumentos astronomicos e não se descuidem de observações mais particularisadas do referido phenomeno.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVII.

MENTIRA E VERDADE.

Foi sempre um homem activo e previsto o sr. Thomé das Chagas! O seu tempo valia dinheiro, e a sua memoria era exacta como um chronometro. Apenas desembaraçado das perseguições do poeta laureado, olhou em redor de si, orientou-se, e tomou o caminho mais curto. O seu passo accelerado dizia que o episodio bellicoso lhe tinha roubado uma hora pelo menos, e que não querendo fazer esperar ninguem multiplicava a comprida pessoa, e era igual á sua reputação.

Em virtude deste calculo simplicissimo o glorioso andador das almas correu direito á portaria de S. Domingos, e chegava á cella do padre fr. João dos Remedios, justamente, quando o relojo do convento, compassado e grave, batia as nove da manhã.

Thomé louvou a Deus. Só meia hora se tinha atrazado no desempenho dos seus deveres. Sua reverendissima passeiava pelo gabinete, e em gestos altivos, e voz sonora, dictava um papel forense ao desmemoriado escrevente, cuja discreta estupidez o padre mestre abençoára em casa de Lourenço Telles. O nosso devoto respirou, e foi logo tomando posse da situação. Depois, apurando as sensações auriculares, resumiu espirito e corpo nas immensas orelhas, ávidas e curiosas.

A eloquencia do procurador desenrolava-se entretanto em periodos extensos, cadentes, e ameaçadores, accusando a companhia de Jesus de rebellião premeditada contra a magestade do throno e a santidade da egreja. A minuta da allegação tremia nas mãos do orador, que a ia limando, entre furiosas pitadas, e estrugidos assoados, e no meio da commoção vehemente que retarda ou precipita o homem, cuja imaginação laboriosa acóde com variadas expressões á traducção do pensamento.

Passados instantes, Thomé sacudiu a cabeça e elevou os hombros á altura das infinitas orelhas. A este gesto succedeu um sorriso verde, — burlesco arremedilho do fino sorriso do padre Ventura nas occasiões escabrosas. Feitos estes signaes telegraphicos entre a alma e o corpo, tirou do bolso o nosso amigo um papel e poz-se a escutar, de lapis nos dedos, escrevendo tanto quanto dictava o procurador de S. Domingos.

Este em uma investida heroica entrou pela cella dentro, de braço alto e lenço fluctuante; e se o andador das almas é homem menos acautelado, colhia-o em flagrante delicto de mentira capital, descobrindo-lhe uma prenda nova e occulta, a arte caligraphica reduzida ao methodo mais expedito.

— « Ah estava ahi, Thomé? » — disse o reverendo, assoando-se e escorvando o nariz com muita complacencia.

— « A sua benção, padre mestre! » — respondeu o devoto, afivelado na contricção, que lhe servia de viseira. — « Peço desculpa, vim mais tarde; mas espero em Nosso Senhor, que não fizesse falta. »

— « Não fez. Como a noite passada estive ao bofete até ás onze, agora mesmo principio a dictar. . . . V. mercê, hontem, é que sahiu tarde, muito tarde! Que horas seriam, Thomé das Chagas? »

— « Uma hora da noite, reverendissimo » — acudiu o milagreiro com certa escuridão nas faces, o que nelle correspondia a fazer-se bastante vermelho.

— « Justamente. Uma hora! É o que disse o leigo da portaria. E aonde esteve todo esse tempo, póde saber-se? »

— « Na capella de cima, a rezar. Estive pagando uma promessa. »

— « Ah! Muito bem. Sabe que peguei no somno logo, e de modo que não senti mais nada? »

— « Que admiração! V. reverendissima anda cançado. . . . »

— « De espirito e de corpo, irmão Thomé; e Deus me dê forças pela sua infinita misericordia. Arranje-me a cella e não se vá embora. . . . bem! » E outro sim » — gritou elle,

continuando a dictar da porta do quarto — « provará na real presença a soberba monstruosa da sobredita companhia, que nem respeita a Deus, nem teme o condigno castigo da sua *terribilidade*. . . . »

— « Iniquidade! » — repetiu o escrevente, como echo infiel.

— « Espere! — E fr. João, magestoso e vermelho da excitação mental, rodeou o grande contador de pau santo; e pondo os olhos no tecto firmou o periodo com uma tremenda punhada na mesa, que a fez tremer e á casa toda.

Duas horas depois o procurador expedia o illustre sr. Thomé com uma carta a Diogo de Mendonça, e a passos lentos encaminhava-se, meditando, para a rua das Arcas, aonde o esperavam para jantar Lourenço Telles e seu sobrinho Filippe da Gama.

O devoto, depois de pesquizar se alguem lhe seguia o rasto, em vez de seguir direito á Calcetaria, tomou para o lado de Santo Antão, e viu, mesmo debaixo do alpendre, uma sege parada, com os cordões, o cavallo transparente, e o esgalgado e faminto bolieiro, que naquelle tempo constituiam a trilogia de um vehiculo desta denominação, antes de aperfeiçoado com outro cavallo espectro, duas rodas de azenha, e uma capoeira suspensa, como hoje o vemos. Hia a pôr o pé no degrau, quando se encontrou cara a cara com o padre Ventura, que o recebeu quasi nos braços, entre um sorriso mavioso e esta jovial exclamação:

— « Ora, bem vindo seja o nosso andador das almas! Então o que o traz a esta sua casa? »

— « Venho *confessar-me!* » — replicou o milagreiro, beijando-lhe a manga, e olhando para todos os lados inquieto.

— Ah! E as culpas parecem-lhe grandes? Não póde com ellas até á noite? »

— « É preciso dizel-as já. Até as puz neste papel para me não esquecer alguma. »

— « Percebo! É tudo? »

— « Ainda ha. . . . »

— « Espere! Olhe, suba. . . . Não! Venha comigo; como são duas palavras, a cella do porteiro é bastante. Diga-me: vem de S. Domingos? »

— « De lá sahi. »

— « Optimo! E a devota communidade? »

— « Espera ámanhã estar melhor. »

— « Ora, Deus permitta! Estimarei muito. »

Os dois entraram; e minutos depois chegou o padre Sebastião de Magalhães, trotando na sege do paço, e apezar do frio ardendo em calma.

— « Aonde está o padre Ventura? » — perguntou ainda de dentro da sege.

— « Aqui, aos pés de V. reverendissima » — respondeu o italiano que vinha sahindo.

O confessor de el-rei, apesar da sua corpulencia, de um pulo atirou-se ao chão, e não fazendo caso de Thomé, que se lhe prostrava aos pés com momices respeitosas, pegou na mão delicada do visitador, e antes de fallar moeulha, no apertão das suas, indicando assim a gravidade do negocio.

— « Mais de vagar, padre mestre! Percebo optimamente. Adeus, sr. Thomé; não se esqueça. As culpas são grandes, tinha rasão; mas a penitencia as expiará. . . . e não ha de ser pequena. Ora pois! Quer mais alguma coisa? »

— « A sua benção, padre mestre. »

— « Deus o faça um santo. »

E sustendo com um gesto a impaciencia do confessor, não o deixou fallar senão depois de Thomé ter desaparecido.

— « Aquillo é um pobre fanatico que me desassocega todos os dias com os seus escrupulos de consciencia. . . . Agora, nós. Então ha novidade pelo paço? Está peior el-rei? »

— « S. magestade está melhor. »

— « Ainda bem. E o principe? »

— « Sua alteza teve ordem de prisão. »

— « Sinto muito. »

— « O infante D. Francisco trabalha. . . . »

— « Tambem sei. »

— « E logo no conselho de estado. . . . »

— « Decide-se o casamento do principe. Estou avisado. »

O padre Sebastião olhou cheio de assombro para o superior. Parecia-lhe quasi um prodigio que soubesse tudo e tão depressa.

— « Entretanto receio que s. alteza. . . . » — insistiu elle.

— « Não receie. S. alteza diz *que não* redondamente ao conselho de estado, como disse em particular a el-rei, seu pae. »

— « Deus nos acuda! Sabe v. reverendissima que el-rei falla de o metter na torre? »

— « Sabe v. paternidade, que s. magestade nem sempre faz o que diz? »

— « Mas é que o infante embrulha tudo! E apezar de ser um pouco vivo e leve de cabeça. . . . »

— « Doido, demente, diga! . . . . não lhe faz favor. »

— « Mesmo doido! Sabe v. reverendissima que acha quem o siga, e duas ou tres pessoas de muito conceito para el-rei nosso senhor? Por isso temo. . . »

— « Não tema. »

— « Mas póde vir uma ordem perigosa, digo-lho eu padre visitador. »

— « Não vem nada, affirmo-lho eu, padre confessor. Olhe, os reis que morrem nunca meteram medo aos reis que ficam; acredite isto: e apezar das suas melhoras o sr. D. Pedro II está muito doente, muito mal. . . ora o principe ha de casar, mas é depois. Ha de casar na casa de Austria, mas não é já. Queremol-o solteiro uns dias, mais uns dias. Fallou a s. alteza? »

— « Da parte de seu augusto pae. »

— « É claro. E como o recebeu? . . »

— « O peior possivel. Não respondeu palavra. »

— « Ah! . . E á carta de s. magestade? »

— « A carta? . Eu não disse que levei uma carta. »

— « Digo eu: e a resposta? »

— « Trago-a neste papel — murmurou o confessor cada vez mais soçobrado diante da copiosa noticia do padre Ventura. — Falla-se muito da paixão do principe por certa dama. . . »

— « Ah! . »

— « Uma D. Catharina de Athaide, noviça em Santa Clara. . . »

— « Ah! »

— « E vão tomar-se providencias. . . »

— « Sim? »

— « El-rei jurou por alma de seu pae. . . »

— « V. paternidade não deve deixar jurar el-rei, porque é peccado. E depois? »

— « Soube-se que s. alteza esteve umas tres vezes em Santa Clara. . . »

— « Com effeito? »

— « E de todas teve grandes colloquios com a noviça D. Catharina. »

— « Estão certos? »

— « Certissimos! »

— « Pois não sabem nada! »

— « Então o principe não esteve em Santa Clara? » — exclamou o confessor absorto e recuando.

— « Esteve! »

— « Não fallou tres vezes á mesma dama? »

— « Fallou! »

— « E a dama não é D. Catharina de Athaide? »

— « Não! »

O padre Sebastião de Magalhãos estacou: com os olhos esgazeados e as palmas das mãos viradas para o seu interlocutor parecia repellir a visão de um fantasma tenebroso. A firmeza da negativa fulminava-o.

— « Se não é D. Catharina então quem é? » — gritou elle no estouvamento causado pelo seu espanto.

— « V. paternidade esquece que é só confessor de el-rei, e que eu pergunto e não costumo ser perguntado? — atalhou o padre Ventura, manso de tom, porém severo de expressão. — Basta que lhe diga que está ás escuras. S. alteza ama tanto D. Catharina de Athaide, como v. paternidade crê em Mafoma. Julgo que nem a viu ainda. Descance. A corte não dá cuidado. Dos nossos negocios como vamos? »

— « A questão da America parou. »

— « Não importa. »

— « Os dominicos acomodam-se. »

— « Engana-se: estão em armas. »

— « Não transpira! »

— « Ha mais alguma coisa? »

— « Temos el-rei de pedra e cal no caso dos quindenios. »

— « É preciso pol-o de cera. Os quindenios talvez se paguem. »

— « Pagam-se?! » — clamou o confessor atterrado.

— « É mais que provavel. E o padroado? »

— « Está nas mãos de Diogo de Mendonça. Mas D. Thomaz de Almeida prometteu. . . »

— « Se prometteu nada faz. É o costume. Falle a el-rei, e levem o negocio ao conselho de estado; é melhor. »

— « E se Diogo de Mendonça o demorar? »

— « Não demora. Para a semana dá-o despachado. »

— « Então? . . » — acudiu o padre Sebastião com uma grande interjeição nos olhos.

— « Confio que Deus nos ajudará. » — replicou o italiano com um ponto final na voz.

— « V. reverendissima sabe tudo. Só me resta pedir as suas instrucções, »

— « São faceis, padre Sebastião. Ouça, veja, e falle o menos que souber; porque o calar a tempo é a maior sciencia. Estamos nas vesperas de grandes perigos. Quem são as pessoas de mais respeito para o infante D. Francisco, se elle respeita alguem? »

— « Não lhe quer mal o duque de Cadaval D. Nuno. »

— « Nem bem: vamos. »

— « Roque Monteiro Paim corteja-o. »

— « Esse, por força! »

— « Serve-o de rastos o secretario de estado D. Thomaz de Almeida. »

— « Tambem é natural. Que mais? »

— « O conde de S. João por desgosto que teve de s. alteza. . . »

— « Está parcial do irmão? são todos? »

— « São os principaes. »

— « E v. paternidade? Disseram-me que tambem tinha as graças de s. alteza serenissima. »

— « Ás vezes faz a honra de me ouvir, mas... »

— « Mas v. paternidade sabe que o coração dos principes é inconstante, e que é perigoso fiar na ambição? Assim o esperava. Não acredite nos medicos, padre mestre! Elles dizem que el-rei melhora, quando s. magestade está quasi na sepultura. Affirmam que s. alteza real, o principe D. João não chega aos dezoito annos, e eu asseguro-lhe que ha de vêl-o sobreviver, para gloria delle e felicidade destes reinos, áquelles de seus irmãos qne lhe contam os dias de vida cubiçando a herança. . . padre Sebastião, quem espera por çapatos de defuncto arrisca-se a andar desçalço — é o adagio. Estes enredos do infante D. Francisco, e todas as suas conspirações maniacas não valem um cabello; o que podem é metter na torre algum tonto, ou exterminar da corte dois ou tres credulos; o mais, digo-lho eu, é fumo e desapparece. Verá! Se o infante não póde comsigo, se elle não tem cabeça para si, como ha de ser cabeça de um reino, e chefe de tanta gente! . . Em poucas horas, em um accesso de loucura põe de rastos e faz seus inimigos capitaes aquelles que mais o ajudarem e que elle mais procura. É uma prophecia minha, e olhe bem, esta sahe certa. Depois, s. alteza está acostumado ás feras do monte, e por isso não admira que muito mal conheça os homens. Ás vezes no rio descuida-se com uma pontaria, e cahe ferido um marujo das vergas. . . Ora, quem assim tem a vista fraca não ha de nunca achar os degraus do throno. Aposto que é do meu voto, padre Sebastião? Os absurdos não reinam; sobretudo os de carne e osso. »

O confessor de el-rei tinha o rosto vermelho como lacre, e não levantava os olhos. Porfim em voz baixa disse:

— « V. reverendissima ordena alguma coisa mais? »

— « Que tenha saude. . . A proposito, poderei fallar ao principe amanhã e a s. magestade esta noite? »

— « A s. magestade de certo. El-rei estima os nossos padres. Agora, estando o principe com ordem de prisão é que não sei. . . »

— « Se é difficil obter audiencia? Não importa; arranjaremos isso. Adeus, padre confessor. Beije por mim a mão de el-rei. »

E sorrindo sempre metteu-se na sege e partiu com toda a rapidez. O padre Sebastião ficou dois minutos a olhar para o chão; depois, arrancando um suspiro, exclamou:

— « Dez annos dava eu da minha vida, se entendesse aquelle homem! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

CRITICA LITTERARIA.

Dores e Flores.

POESIAS DE EMILIO AUGUSTO ZALUAR.

N'uma carta, que serve como de prologo ás poesias do sr. Zaluar, diz-nos o auctor, que os seus versos *representam a historia intima de bastantes dias de crueis decepções, de muitas horas de desalento, de muitos instantes de amargura, que tem soffrido, que soffre quasi sempre todo aquelle, que julga achar nos homens generosidade e franqueza, e só encontra nelles o desengano e a ingratidão.*

Por estas frases que acabamos de citar textualmente, vê-se que o sr. Zaluar é um poeta alistado na escóla *sentimentalista.* D'ahi talvez a rasão porque impôz ás suas poesias o titulo saudoso de *Dores* e *Flores.* As flores serão as esperanças, as illusões, os sonhos doirados do mancebo, que sente arder-lhe n'alma o divino fogo da poesia, palpitar-lhe o coração em apaixonados enthusiasmos, a mente arrebatar-se-lhe em grandiosas aspirações, até ao infinito dos desejos e das esperanças. Nessa tão curta, mas tão formosa quadra da mocidade, a vida é como uma bella aurora do nosso clima meridional; toda rosas, frescor, inefaveis, e consoladoras promessas. Uma aragem repleta de amores e perfumes embalsama a existencia inteira. O arroio escorregando mansamente por um leito tapetado de lyrios e boninas não tem mais claras lymphas, nem mais suaves murmurios. A poesia trasborda do intimo d'alma em notas de admiravel pureza, como a ambrosia dos Deuses, por um descuido de Hebe, formou a via lactea dos fabulistas. A mocidade é a quadra dos amores e das canções.

Mas a aurora foi um instante imperceptivel que passou, levando de envolta esperanças e promessas. O nordeste succedeu áquella aragem balsamica das horas da manhã. O arroio em que se mirava o lyrio e a bonina campestre sumiu-se por entre a folhagem secca do outono, para apparecer ao longe na quebrada da montanha, despenhando-se em ruidos lamentosos, que os eccos melancolicos repetem sem cessar. Á lyra estallaram as cordas todas, menos quella que o poeta affeiçôa então para descantar os

dolorosos trances de suas recordações pungentes, o espinho cruel de suas esperanças illudidas.

Considerada a existencia nestes dois termos oppostos, e suppondo que no coração humano existem estreitamente enlaçados os dois sentimentos contrarios, dos infinitos desejos, e da infinita debilidade da raça a que pertencemos, não se póde levar a mal, que o verdadeiro poeta lamente em suas composições aquella tão deploravel sorte da humanidade. Está no seu direito, e na sua maior esphera de actividade. A poesia nunca nos arrebata tanto como quando pondo o ouvido sobre o coração do homem, lhe escuta com attenção todas as palpitações freneticas e atribuladas, para depois as traduzir em sua linguagem divinamente excepcional. Note-se, porém, que em quanto o poeta se limitar a tanger essa corda unica, por mais suave e melodiosa que ella seja, embora se chame Chateaubriand ou Lamartine, cahirá irremediavelmente n'uma enfadonha monotonia, n'uma repetição escusada das mesmas lamentações. O thema, por variado, nada ganhará em grandeza e sympathia.

Querer, pois, reduzir a lyra a esse funebre cantochão das miserias individuaes é, quando menos, uma prova de pessimo gosto. Sabemos perfeitamente, que na seita confraternal dos que se dedicam ás musas, subsiste o dogma estranho de que o poeta nas suas inspirações se tranforma e consubstancia n'um ente impessoal, representando apenas o ecco harmonioso e expressivo dos sentimentos da humanidade.

Sabemos a que forçadas consequencias leva similhante theoria de incomparavel elasticidade, a que abysmos de orgulho vertiginoso tem arrastado mais de um representante dessa geração irritavel, *genus irritabile vatum*, como já lhe chamou um intendido na materia.

Este modo semcerimonioso de qualquer se alevantar em propheta do seu seculo, de decernir a si proprio as corôas do martyrio, e as glorias do triumpho, é um processo habitual no Pindo, sómente admissivel nessas regiões sagradas.

Cá em baixo, na superficie da terra, no mundo dos homens e das coisas, na zona frigida da critica litteraria, é de crer que ninguem esteja disposto a acceitar, sem commentarios, a theoria pindarica dos illustres filhos de Apollo. A sociedade pertende ser uma coisa real e verdadeira, e requer de todos os seus representantes a realidade e a verdade. Assim como ella emprega todos os seus esforços, empenha todas as suas forças vivas no progressivo complemento de seus destinos fatidicos, assim lamenta vêr aquellas suas ovelhas, tão queridas, desgarradas do redil, e levadas em confusão para o grande fosso das vaidosas illusões. Ella já não acredita em lyras que tenham a virtude de erguer cidades famosas; o mythologismo não produziu senão um Orpheu.

Vemos-nos obrigados a fazer estas reflexões como um protesto formal aos progressos lastimosos do neo-sentimentalismo, que á similhança do escalracho, se vai apoderando da joven litteratura. Exceptuando os grandes mestres, todos estão mais ou menos eivados do virus contagioso. Ainda se os nossos Renés e incomparaveis Werthers apresentassem a originalidade destes dois typos inimitaveis, podia ser uma aberração do genio litterario, como elles são uma aberração do genio da humanidade; mas a par da inferioridade incontestavel do talento artistico, obrigar o engenho proprio a copista servil das imitações estrangeiras, é abdicar de mais com insensatez. Porque é necessario dizer toda a verdade; a nossa litteratura contemporanea, com raras, e honrosas excepções, não passa de um reflexo incoloro e sensabor da litteratura franceza. As inspirações vem-nos pelo paquete com as noticias dos golpes de estado de Luiz Napoleão. As pautas ainda não marcaram cota a esta damninha fazenda, que se espalha pelo mercado litterario com toda a impudencia do contrabando. A convenção litteraria não soube pôr-lhe termo!..

O resultado de tudo isto será que estamos ameaçados de uma litteratura piegas e choramingas. Com a restauração de 1834, uma geração nova, ardente, ambiciosa, enthusiasmada pelos progressos que presenciava da civilisação estrangeira, que só lhe minoravam as amarguras do exilio, importou para a terra da patria, com a liberdade, que foi um bem, o gosto, as tendencias, os excessos do romantismo expirante. Quando os soldados fogosos da theoria do bello horroroso, se recolhiam ás tendas, accossados pela critica implacavel, que os perseguia nos ultimos arraiaes, *ultima castra*, no prologo faccioso de uma celebre epopêa melodramatica, que o mestre composera em honra, senão epitaphio do systema moribundo, começavamos nós o nosso trabalho inglorio da imitação romanesca, da inspiração-cópia, da banalidade sentimental, da litteratura-reflexo. Quanto tempo andou vagando por esses desvios ignorados, é escusado dizel-o, os excessos foram taes, que a intensidade do mal principiava a servir de remedio e correctivo. Talvez para a cura concorresse poderosamente o exemplo de um grande mestre, cujo supremo bom senso, e incomparavel bom gosto preservaram sempre do contagio malefico, despresando com uma constancia prodigiosa adquirir uma popularidade momentanea, á custa dos bons principios, que o coroaram a final de uma gloria immarcescivel. Este é de certo o maior galardão, e o caracter distinctivo do talento do celebre auctor de D. Branca. A sua alta intelligencia previu logo as aberrações da nova litteratura; calculou a profundidade dos abysmos em que ella provavelmente teria de despenhar-se; e voltou-lhe as costas, procurando com a sua isempção, desviar os incautos, e encaminhar os arrependidos.

Hoje se examinarmos com attenção o que ahi se está passando, muito especialmente nos dominios da poesia não é precisa muita perspicacia para vêr a completa e lastimosa anarchia em que laboram as musas patrias. Uma vertigem de máu gosto, de banalidades, de logares communs, de pensamentos fosseis, de imagens sediças e vadias, de apostrofes ridiculas, de declamações prosaicas, afoga n'um mar de semsaborias quasi todas as composições contemporaneas. O vate não tem dó de ninguem: *væ victis*, é o grito que tomou emprestado ao barbaro que invadia o imperio. Em quanto a poesia nos quizer conquistar deste modo, havemos de protestar com todas as nossas forças contra tão atroz usurpação.

Todas estas considerações são applicaveis em parte ao livro que lhes serviu de motivo. Com um certo talento poetico, que não soube cultivar adequada-

mente, o sr. Emilio Zaluar pode apenas aspirar ás honras de um versificador fluente, em quanto não tomar a serio o estudo profundo de todas as condições da verdadeira poesia.

A vaidade cegou-o certamente, quando lhe induziu a empreza de colligir as suas fugitivas composições, que reclamavam toda a indulgencia em quanto impressas n'algum jornal fugitivo como ellas, mas que deixam a critica desobrigada de contemplações, quando postas em volume lhe vem bater á porta

O que logo se deprehende, e salta aos olhos, pela primeira leitura, é a mingua de conhecimentos geraes, com que desprezou de ornar o seu espirito; e que imprime ás suas poesias uma monotonia de tom, de imagens, de frivolidade, que realmente desconsola e esfria. Ve-se ás vezes que o pensamento nascera com azas, e que deseja elevar-se, subir, manifestar-se nas alturas, mas atado ás peias d'aquelle defeito original, esvoaça, rasteja apenas pela superficie da terra, para cahir logo extenuado, cançado do supremo esforço que fizera. A mesma razão supprime todo o caracter *de individualidade* ás suas composições, que publicadas com a firma de qualquer outro poeta menor, de nenhum modo denunciariam o seu verdadeiro author. A originalidade sómente se ganha á custa de muitos esforços, de muitas vigilias, com um sincero amor da propria reputação.

O poeta deve saber que os conhecimentos geraes das sciencias e das lettras são a mais certa lima com que o engenho se ha de pulir para poder brilhar com todo o esplendor. Permitta-se-nos ainda uma vez a comparação banal do diamante, que em quanto bruto pode valer alguma cousa, mas é indigno de certo de adornar a corôa de uma rainha, ou o collo de uma mulher formosa. Lapidai o engenho com o estudo continuo, e reflectirá logo, como o diamante, uma luz de explendida pureza.

Além deste defeito, que será facil d'emendar com o tempo, é preciso ainda, se o author das *Dores e Flores* quizer proseguir na sua carreira poetica, que tome um conhecimento mais cabal de todo o processo da versificação. A arte não exclue de modo algum a inspiração; antes a guia, regula, e ajuda a manifestar-se. O pensamento sem o verbo é como uma luz tibia na densidade de immensas trevas: o verbo sem o pensamento é o cahos sem nenhuma luz. Ambos juntos serão a claridade.

Alguem poderá achar demasiadamente rigorosas as reflexões que fazemos ao livro das *Dores e Flores*, mas a critica tem obrigação de ser severa, muito especialmente onde presentir o germen de um verdadeiro talento. Se o nosso joven auctor não tivesse prestado ouvidos complacentes aos seus admiradores, talvez não tivessemos agora de lhe dirigir esta admonitoria em favor da sua reputação. É de crer mesmo, que fazendo uma escolha mais apurada das suas poesias, e corrigindo-as como cumpria, alcançasse com mais brevidade os favores da opinião publica, e o nome que de certo ambiciona.

Taes como as imprimiu, as composições do joven poeta dão-lhe apenas incontestavel direito a um logar distincto, mas de terceira ordem, entre os seus collegas. A collecção promette de certo no futuro honrosa promoção; por em quanto todavia a justiça pede que não haja preterições. Se quizermos descer á secura da simples analyse, cedo nos convenceremos de uma e outra cousa. A primeira poesia da collecção, a que abre por assim dizer o portico do edificio é composta a bordo do brigue *Experiencia*, e ao deixar Portugal. Logo na primeira estrofe diz o poeta:

> Como o cysne moribundo
> Nas verdes ribas do Eurotas
> Ergue do *seio profundo*
> As melodias ignotas.

Um cysne de seio profundo a erguer melodias, deve ser uma cousa tam feia como a expressão. A rima para a palavra moribundo foi evidentemente a causa desta cacologia.

Na terceira estrofe vem os seguintes versos:

> Adeus extremo! arrancado
> D'alma, soluçando afflicta.

Um soluço d'alma não é admissivel. Depois

> A vaga amante que chora,
> Em tremedaes pura rosa,
> Orvalhos de santa aurora,
> D'alma de virgem formosa!

Nestes versos começamos por não saber qual seja a verdadeira significação de *vaga amante*: e é escusado tirar todas as consequencias daquelle adjectivo, errado sem duvida, que o poeta applicou ao objecto dos seus doirados sonhos. Ainda assim o segundo verso citado vem complicar as presumpções; *em tremedaes pura rosa*. Tremedaes são lameiros. Decididamente similhante comparação não podia provir senão da ignorancia da significação deste termo. Mas reduzamos todos os quatro versos a simples prosa. A *vaga amante que como a pura rosa nos tremedaes (lameiros) chora orvalhos da aurora sancta d'alma de virgem formosa!* Tudo isto é de um effeito deploravel.

O poeta, acossado pela desventura vai deixar tudo, a patria, os parentes, a amante: corre mar em fóra por esse immenso oceano; a dôr estala-lhe o coração; parece que todas as circumstancias se acham congregadas, para que uma alma realmente poetica desate em rios de harmoniosas saudades o mar grosso das suas afflicções. O pensamento foi esse: mas a inspiração attraiçoou o poeta e apenas na singeleza dos seguintes versos:

> Tudo vou perder em breve:
> Quem perde o berço e a amante
> Perde tudo.

se reconhece a custo a situação que lhes deu motivo.

Agora cumpre á critica confessar ingenuamente que não acredita demasiado nessas inspirações por tal modo dolorosas, que consentem ao poeta interromper a expressão magoada das suas amarguras, para folhear o diccionario de consoantes, e buscar a rima appropriada. A critica compunge-se muito pouco dessas dores em quadras e oitavas, dessas lagrimas em breves e agudos. A verdadeira dôr tem uma só expressão, que é o grito inarticulado e sumido da alma que padece. A poesia quando manifesta similhante

sentimento, é já em resultado de outra operação interior, de outro processo que não é para agora analysar. Aquelle que no auge da sua maior afflição quizer compor alguma coisa, ou não poderá fazer nada, ou terá uma obra fria, de gello, sem colorido, nem sentimento algum. A faculdade poetica é uma e não póde impunemente estar desviada sem quebra da sua manifestação.

Camões e a *Patria* — é a segunda poesia da collecção do sr. Zaluar. Esta compoem-se de cinco pequenas quadras, simplices endeixas, sem merecimento nenhum, nem de metrificação, nem de rima, nem de pensamento. Que titulo! e que obra!

Jerusalem é a terceira. Jerusalem é de certo objecto para um grande carme. Vejamos. A primeira estrofe sae logo imperfeita. Jerusalem jaz tombada no pó d'antigas ruinas ao som de funda corrente:

Cavam-lhe rudes montanhas
A gigante sepultura.

Está pois a cidade impenitente deitada n'uma sepultura de rudes montanhas: A estrofe termina:

Veu d'eterna noite escura
Tolda-lhe os montes d'alem.

Não se percebe para que vem esta imagem falsa e sem gosto. A cidade ahi está por terra entre montanhas que lhe cavam a sepultura: e depois nos montes d'alem, que são outras montanhas, e se não sabe quaes são, apparece um veu a toldal-os de eterna noite escura. Talvez a segunda estrofe explique este contrasenso? mas não é assim: nada explica aquella noute escura a toldar os montes d'alem: estamos n'uma absoluta escuridão.

Na quinta estrofe diz o poeta, depois de ter nas antecedentes apostrofado a cidade maldicta em termos pouco agradaveis para a mesma cidade:

Dorme o teu eterno somno
Negra ossada carcomida,
Sobre as margens estendida,
Mumia d'humano cinzel.

A primeira imagem com que o poeta nos designa Jerusalem é a de uma negra ossada sobre as margens estendida: esquecendo-lhe por descuido dizer-nos que margens. Supponhamos porém que são as margens de um certo rio, que passava junto de Jerusalem, a imagem da ossada carcomida de animal que se atirou á margem não será asquerosa e indigna do assumpto, a que o author quiz dar as grandiosas proporções de um canto arrebatado?

Depois chama-lhe mumia de humano cinzel? a palavra *mumia* tem de si uma determinada significação que briga com a de ossada carcomida. Demais o que será uma mumia de humano cinzel?... Semelhante maneira de escolher um consoante para rimar com Daniel é de um tristissimo effeito.

Depois desta apostrophe fulminante á cidade maldicta, o poeta muda de metro, e enceta segundo canto. Ahi diz-nos que passados muitos seculos, tendo o vicio e as paixões tomado conta do mundo, veio o Redemptor para o salvar: que a raça judaica vagueia ainda hoje errante por toda a terra: e que só restam da cidade do crime as pilastras dos templos abatidos onde se entrelaçam os arbustos das campas. Chegado a este ponto muda pela segunda vez de corda, terminando por umas quintilhas, em que nos revela que o Verbo do Christo germinou entre as nações: e então

Surgiu d'um mundo outro mundo
Como um astro pudibundo
Das sidereas convulsões.

O adjectivo *pudibundo* applicado a um astro que rebenta das sidereas convulsões, póde representar uma imagem arrojada, mas de certo imperfeitissima. Por fim termina annunciando que o crime campeia outra vez na terra e appella para o novo Verbo.

Ninguem poderá negar que em toda esta informe composição transparece uma idéa que não chegou a tomar corpo na mente do poeta. O mundo é uma nova Jerusalem, com o sangue viciado por toda a casta de infamias. O genero humano está como degenerado da sua primitiva essencia. Remido uma vez pelo Christo cahio de novo no crime e necessita de nova redempção. Uma idéa assim concebida ninguem duvidará que seja assumpto de alta poesia. Custa-nos porém dizel-o; a Jerusalem do sr. Zaluar pecca na fórma pelas imperfeições que a deturpam: pecca no pensamento porque não tem nenhum. É uma collecção de estrofes descosidas, sem nexo, nem sequencia, com o falso titulo de Jerusalem.

Todas as mais composições estão sujeitas a eguaes reparos. Exceptuaremos comtudo cinco da actual collecção, sobre as quaes a critica funda as maiores esperanças de que o joven poeta poderá vir a ser digno de uma breve promoção. A primeira é a poezia intitulada *mysterio*, digna em todo o ponto dos nossos elogios. Suave, amena, voluptuosa como a virgem que se balança á sombra da palmeira, tem um verdadeiro perfume oriental, que encanta. A segunda com o titulo de — *Que vês além!* afóra poucos defeitos faceis de corrigir merece uma excepção egual á do *mysterio*. A outra é o *naufragio*: poesia larga, arrebatada, de verdadeira inspiração: citaremos as seguintes estrofes.

Porém cresce a onda, alaga,
Forma diluvios, o mar
Rebrama, morde-se, esmaga
Como a serpente, a silvar!
O raio brilha: já desce
Sobre o baixel estallou
Que todo inteiro estremece!!
Pende ao lado, e desfallece
Como a aguia que tombou.

Cruza os braços o piloto;
E o capitão a sorrir,
Apontando o mastro roto:
De joelhos: — descubrir!
Bradou com a vóz cortada;
De joelhos, homens meus!...
Nessa vaga encapellada
Vem a morte alli sentada
Com a punição de Deus.

A quarta pela correcção, pela singeleza, pela amenidade que respira merece ser transcripta por inteiro

A UMA JOVEN.

Vão correndo teus dias docemente
Como o leve barquinho em mar de rosas
Deixando após na esteira refervente
Faiscas luminosas.

A fresca viração da tarde amena
O ondoso seio voluptuosa affaga
Suspirando d'amor meiga e serena
Sobre o collo da vaga.

É doce assim vagar na vida — é bello
Pelo mar das venturas embalada
Sentir-se preza da existencia ao élo
Com cadeia dourada.

Render-lhe um culto todo o peito amante
É qual fugaz exhalação dos ceus
Deixar um rastro d'esplendor brilhante
Após os passos seus.

O chão reverdecer, que ufano piza
Seu pé triumphador — calcando flores
Que mais recendem, namorando a briza,
Que suspira d'amores.

Assim o teu viver é lago puro
Que dorme entre as boninas perfumado
Oh! nunca toldem nuvens do futuro
Teu ceu desasombrado.

A poesia que termina a collecção, salvas pequenas incorrecções, tem direito pleno á nossa franca admiração. O poeta está alli todo, com o pensamento na obra de saudade que dedica ao author de seus dias. Sem que nol-o diga, percebe-se que deseja abrandar algumas maguas que porventura lhe causára nos seus tempos de adolescente. Assim em sentidissimas endeixas lhe pinta a saudade que delle levou ao partir e que ainda o mergulham n'um mar de afflicções. Depois dirige-se á mãe; depois á patria. O coração humano é assim feito: primeiro lembra-se dos seus, depois da terra natal. O poeta não é obrigado a ser heroe.

Agora para terminar, confessaremos ingenuamente, que quem quizer descubrir nas poesias do sr. Zaluar um pensamento que determine as suas destacadas composições, expoem-se muito a inventar uma theoria imaginaria, um systema inadmissivel.

A critica assim, em vez de guiar, desvaira; quasi que pudemos affiançar que desvirtua. O poeta á medida que se sente inspirado por este ou por aquelle objecto, afina a lyra e compoem as suas trovas, neste ou n'aquelle metro, sem nenhuma premeditação, nem intenção reservada. Agora será a bonina que se revê solitaria nas lymphas do arroio: logo o lyrio pendido sobre a campa dos finados. Depois uma recordação saudosa dos tempos que já foram; ou as esperanças e promessas que descortina no futuro; hoje a nuvem que passou no horisonte da sua vida, amanhã a aurora limpida dos desejos infinitos; emfim todos os accidentes multicores desta nossa existencia, cujo valor sómente o poeta sabe sentir e descrever. É com attenção a todas estas circumstancias que a critica tem de cumprir a sua ardua missão.

C.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Invernos celebres. — Deixando de parte os anteriores á nossa era, o primeiro que encontramos mais rigoroso foi o do anno 400, em que gelou completamente o Mar Negro, phenomeno que só foi reproduzido no anno 763.

Em 821 congelaram-se o Danubio, o Elba e o Sena, e era tão espesso o gelo que por espaço de um mez atravessaram as suas correntes não só homens, e cavallos, mas até carros de bagagem das tropas. Em 859 gelou o Mar Adriatico, e Veneza permaneceu por algum tempo como se fôra cidade situada em terra firme. O mesmo succedeu no anno de 1234, a ponto de passarem carros carregados pela superficie gelada daquelle mar, e pela frente do leão de S. Marcos.

Jámais cahiu porção tamanha de neve como em 874 e nunca o inverno começou tão cedo. Logo nos ultimos dias de agosto os campos principiaram a cobrir-se de uma leve capa de geada, que pouco a pouco foi augmentando até fins de março. Incalculaveis desastres occasionou tão desabrido inverno, perecendo de frio familias inteiras por falta de combustivel, e não obstante muitas estarem bem accomodadas; de tal modo estavam os mattos que era impossivel penetrar nelles para cortar lenha.

O inverno de 1281 fez-se notavel em Paris por uma temerosa inundação que produziu inumeraveis damnos. O degêlo de 1325 é dos mais terriveis que mencionam os annaes parisienses: o Sena carreou montanhas de caramelo que levaram a pique todas as pontes. O inverno de 1334 foi tambem mui rigoroso, especialmente na Italia, onde se congelaram todos os rios.

Porém, o inverno cruel por primazia foi o de 1408 e tanto que denominaram este — « o anno do grande inverno » — Nos registros do parlamento de Paris acham-se noticias mui curiosas ácerca dos lamentaveis acontecimentos a que deu causa. O secretario daquelle corpo deixou escripto que não poderam lavrar-se as actas de suas deliberações, porque a cada passo congelava-se a tinta nas pennas apesar de haver bastantes fogões ou lareiras pelas casas.

O Sena, como é de suppor, tapou-se completamente de gelo; e quando este chegou a derreter-se arrancou pelos fundamentos os arcos de todas as pontes. Refere um historiador que se viu fluctuar n'agua um enorme pedaço de gelo que tinha 300 pés de comprimento.

Foi mais benigno o inverno de 1420, porém, colheu a classe pobre em tal estado de miseria que morreram infinitas familias de fome e de frio. As mesmas infelicidades repetiram-se dois annos depois na estação invernosa de 1422. Fecundo por demais foi o seculo XV em toda a casta de desgraças. Aos 7 de outubro de 1435 levantou-se de subito em Paris tamanho furacão que arrasou sem numero de casas e extirpou arvores assás corpulentas. Houve gelo nesse inverno por dois mezes e vinte e um dias consecutivos, e nevou sem descanso por espaço de 40 dias.

Em 1458 acampou em cima do Danubio um exer-

cito de 40:000 homens; e conta-se que no ducado de Borgonha tiravam dos toneis o vinho aos pedaços, para o degelarem ao lume.

O seculo XVI não teve invernos memoraveis; porém, no começo do XVII, anno de 1608, causou taes damnos o frio, que para se avaliarem bastará dizer que estava gelado o pão servido em França á meza de Henrique IV no dia 23 de janeiro.

Os invernos de 1638 e 1639 produziram males incalculaveis, principalmente á nação franceza; até Marselha, com a sua temperatura de ordinario benigna, viu congelada a agua do porto, e na Borgonha e em parte do Sul da França perderam-se inteiramente as colheitas de vinho e azeite.

O ultimo inverno memoravel desse seculo foi o de 1657 para 58, cujos terriveis effeitos sentiu toda a Europa. Carlos XII da Suecia percorreu no Baltico uma extensão de cinco a seis leguas com todo o seu exercito, sem exceptuar cavallaria, artilheria e bagagens. Em Paris gelou o Sena, e o degêlo arrastou comsigo a ponte Marie, sobre a qual havia vinte e duas casas.

O seculo passado é dos que contam maior numero de invernos asperos e terriveis: mencionaremos unicamente os principaes. Em 1709 gelou toda a sementeira nos campos, perdendo-se os grãos nos sulcos; foi mister semear de novo na primavera: morreram de frio inumeraveis pessoas: queimaram as geadas as arvores fructiferas; e augmentou não pouco a miseria a carestia do pão.

Em 1740 congelou-se o Tamisa, vendo-se por precisão suspenso o movimento commercial de Londres. Em S. Petersburgo construiu-se um palacio de gêlo, na sotea do qual assentaram seis carretas com seus competentes canhões feitos de gêlo, que dispararam carregados de polvora e bala, desfazendo-se o gêlo acto continuo.

Em 1779 foi tambem grande o frio, sendo necessario que as auctoridades tomassem precauções, e fizessem avultadas despezas, para não perecerem á mingua os individuos das classes pobres. Tambem se distinguiu o inverno de 1784 pela intensidade do frio. Em Paris levantou o povo a Luiz XVI uma estatua de gêlo na praça de Trono, agradecido aos favores que em momentos tão criticos lhe fizera, e que tão mal lhe pagaram poucos annos depois.

O primeiro inverno notavel do nosso seculo é o de 1812, cuja historia está escripta em caracteres de sangue para a nação franceza; a desastrosa retirada de Moscou o tornou memoravel. Em 1820 foi dizimada em muitos paizes a pobreza pela fome e frio; estragaram-se quasi todas as colheitas, e crestou o gêlo a maior parte das oliveiras.

Até 1829 não se reproduziram similhantes desastres motivados pelo frio. Finalmente, ninguem se terá esquecido do rigoroso inverno de 1838, no qual nevou em Lisboa de um modo insolito, e foi seguido dos de 1841 e 1842 tambem bastante asperos.

Pensamento opportuno. — Ainda bem não estavam permutados, entre os governos de Hespanha e França, os documentos officiaes que constituem o novo tratado internacional sobre propriedade litteraria, já um habil emprezario hespanhol, o sr. D. Ignacio Boix, artista typographo, editor e livreiro mui conhecido em Madrid pelos serviços prestados ás letras nessa triplice especialidade, se tinha estabelecido em Paris, donde acaba de annunciar um grande pensamento comprehensivo de todos os ramos da industria e commercio de livros, tanto para a Hespanha, como para a America.

A *Madrileña* é o titulo da sociedade anonyma para a circulação em larga escala e propaganda geral dos livros hespanhoes, fundada em Paris pelo sr. Boix. O capital social é de 500:000 francos, dividido em 500 acções de mil francos cada uma. Esta idéa foi recebida com tanto favor, que toca a raia do enthusiasmo: muitos capitalistas poderosos a patrocinaram, e o sr. marquez de Valdegamas, encarregado de negocios de Hespanha naquella capital, e escriptor assás distincto, dirigiu uma carta ao sobredito emprehendedor, elogiando-lhe sobremodo o zelo e o projecto, e offerecendo-lhe cooperar com todas as suas forças e faculdades para a realisação de empreza tão louvavel.

O capitulo que no prospecto do sr. Boix trata do objecto e utilidade da associação proposta, diz assim:

« Uma empreza mercantil bibliographica, de origem hespanhola, formada e dirigida por hespanhoes no que respeita á parte professional, tendo á sua frente pessoas competentes e aptas, tanto por sua capacidade, como pela actividade e a pratica acreditada nesta classe de negocios, pessoas, emfim, que offereçam as mais solidas garantias de bom exito na especulação, é uma cousa reclamada em Paris por quantos conhecem o mal desempenhado que anda este ramo em mãos que lhe são estranhas e consequentemente inhabeis, e por quantos sabem o grande partido que delle póde tirar-se.

Quasi toda a America do Sul com seus numerosos e ricos estados, grande parte da do Norte, sobretudo o Mexico, varios estados da União anglo-americana onde se falla hespanhol, e as interessantes colonias que ainda conserva a Hespanha naquelle hemispherio, formam um immenso mercado, aberto sempre á livraria hespanhola. Poucos capitaes tem recebido premio mais seguro e mais avultado do que os destinados a este objecto; e até póde dizer-se que a formosa lingua de Cervantes e Calderon tem tido o duplicado privilegio de crear obras immortaes e tambem fortunas immensas.

A grande facilidade dos transportes por mar, a barateza do papel, e o caracter emprehendedor dos francezes moveram alguns editores de Paris a lançarem-se nessa carreira de especulação, mas com tão fataes resultados em suas publicações que ninguem nos taxará de parciaes nem de interessados, antes seremos havidos por verdadeiros e justos, se dissermos desafogadamente que nem um só livro hespanhol tem sahido puro e correcto das imprensas de Paris. Ahi estão os livros; examinem-se; e decidam depois as pessoas intelligentes.

Nós tratamos de respeitar a propriedade das obras hespanholas. Os nossos desvelos dirigem-se sómente a destruir as edições bastardas que se tem feito aqui; e aspiramos á gloria de defender com vigor e com zelo a honra justamente devida ás nossas lettras.

Se os editores francezes reproduzissem as nossas obras traduzidas a seu idioma, como praticamos nós com as suas, longe de censural-os applaudiriamos seu

proceder, porque assim contribuiriam para difundir cada vez mais as luzes, fazendo conhecida em França a bella litteratura de nossa patria, por certo mui pouco conhecida. Porém, copiar nossas obras em nossa propria lingua, com um fim puramente lucrativo, e prejudicando sobremaneira o nosso commercio, é uma fraude imperdoavel contra a qual nos levantamos com todas as nossas forças.

Se a Belgica imprime ou copia os auctores francezes neste idioma, é porque tambem é o seu, e sendo um paiz independente não póde evitar-se o uso nem ainda o abuso desse direito. Tão pouco reclamamos, nem devemos reclamar, contra a reproducção das obras castelhanas nas republicas do Novo-Mundo, existindo, como existe, a communidade de linguagem. Porém, o deploravel e escandaloso exemplo que offerecem, a nosso respeito, os editores de Paris póde dizer-se que é unico em o mundo. A nossa associação será um protesto efficaz contra esse escandalo que não durará muito tempo.

N'uma época em que as continuas perturbações da França retrahem o capital, sempre timido, de aventurar-se a emprezas arriscadas, vendo-se ás vezes precisado a emigrar para paizes estranhos, como aconteceu nestes ultimos annos; a inversão de fundos na livraria hespanhola com destino á America, isenta de todo o contratempo e de todo o risco, visto que é um commercio que nunca se póde interromper por eventualidades europeas, offerece as maiores garantias de opportunidade e de segurança aos capitaes que para esse effeito se empregarem.

O fundador desta sociedade, animado das intenções mais puras e desinteressadas, firme sobretudo na idéa capital de organisar e moralisar este ramo importante de commercio de livros hespanhoes em Paris, propoem-se a deixar exclusivamente a cargo da junta administrativa e de accionistas a faculdade de receber, guardar e administrar os fundos da sociedade, a fim de que os accionistas tenham as mais completas seguranças da sustentação de seus interesses, confiados a elles mesmos ou á pessoa ou pessoas que elles designarem. O director em chefe só reserva para si a parte organica, como puramente facultativa; sob este aspecto se considerará como o primeiro funccionario, isto é, o primeiro servidor da sociedade. — No caso de dissolver-se a sociedade, o seu fundador reserva o direito de adquirir tudo o que da mesma existir pelo preço que outrem offerecer.

A fragata Missouri. — Esta fragata a vapôr naufragou ha annos na bahia de Gibraltar; o governo dos Estados Unidos anglo-americanos contractou com uma casa commercial de Boston a extracção daquelle navio do fundo do mar; o preço do contracto é cincoenta e nove mil pezos duros.

Theatro de S. Carlos. — Continúa em scena a bonita opera jocosa *Os fabricantes de moeda falsa*, poesia de Ferretti, musica do *maestro* Lauro Rossi. Annunciámos no ultimo numero o exito que teve esta opera, e sobre ella emittimos em poucas palavras a nossa opinião: occuparmo-nos-hemos ainda do assumpto.

Diremos em primeiro logar que achamos o *libretto* espirituoso, engraçado, e abundante de situações comicas. A poesia é singela, animada, e offerece certo jogo de palavras, que só póde, porém, ser avaliado por quem conhecer bem o idioma italiano. Estamos até persuadidos que o publico teria dado maior apreço a este *spartito*, se comprehendesse a letra do *libretto* que em producções deste genero está intimamente ligada com a musica, e muito contribue para o seu realce. A execução, como já dissemos, foi no complexo muito satisfactoria.

A sr.ª Arrigotti representa o papel de *Annetta*, e apesar de que a musica não é mui adaptada á *tessitura* da sua voz, por ser escripta para *mezzo soprano*, comtudo executa-a optimamente, e não podemos deixar de louvar a boa vontade com que a distincta artista se prestou a acceitar a referida parte, a fim de que o publico e a empreza não ficassem privados desta opera. Approvamos e applaudimos esta condescendencia, que longe de prejudicar a reputação da sr.ª Arrigotti antes lhe dá mais um titulo á justa consideração em que é tida. Além disso a parte de *Annetta* é importante, tanto no que diz respeito ao canto como á acção, e á sr.ª Arrigotti cabem os maiores elogios pelo esmero com que a desempenha. Esta artista distingue-se particularmente em o *duetto* com o sr. Mancuzi no 2.º acto, em o *duetto* com o sr. Bonafós no 3.º, e sobretudo na linda *canção* em estylo hespanhol, que é sem duvida um dos trechos mais engraçados da opera, e por ella cantado com muita graça e delicadeza.

A sr.ª Sannazari é uma interessantissima *Sinforosa*, e podemos assegurar-lhe que, não obstante ter mudado de idade e condição, continua do mesmo modo a prender a attenção da platea, e a attrahir os oculos dos *dilettanti*. O caso é que ninguem representaria com mais propriedade o *caracter de Sinforosa*, ninguem o sustentaria melhor em todo o decurso da opera; emfim, na sr.ª Sannazari encontramos sempre aquella fina intelligencia artistica, aquelle perfeito conhecimento da scena, aquella expressão e naturalidade, que a tornam uma artista digna do mais subido apreço.

A parte do poeta *D. Eutichio* teve um excellente interprete no sr. Bonafós, que mostrou ser um baixo comico de bastante merecimento. Foi esta a primeira opera em que o sr. Bonafós poude usar de todos os seus recursos artisticos, e tirou delles o melhor resultado, deixando o publico satisfeito. A sua voz é sempre sonora e agradavel, a sua acção natural e apropriada á situação, conservando sempre aquelle *juste milieu* tão difficil no desempenho de semelhantes papeis, em que com facilidade e impensadamente se cáe na exaggeração, e na impropriedade. Muito estimamos que o sr. Bonafós confirmasse plenamente nesta opera o bom conceito que nos mereceu por occasião do seu debute na *Nina*.

Quanto aos srs. Guglielmini (D. Raymundo), e Mancusi (D. Isidoro), repetiremos, que satisfizeram nos seus respectivos papeis, e contribuiram deste modo para o bom exito do espectaculo.

Está-se ensaiando para subir brevemente á scena a nova opera *Ildegonda*, escripta expressamente pelo *Maestro* Arrieta para a sr.ª Carolina Sannazari, e na qual esta joven artista alcançou ultimamente um dos seus mais bellos triumphos em Milão.